

Videre Futura

REVISTA CIENTÍFICA DIGITAL

ANO 1 VOL 1 AGO/DEZ

Ciranda, cirandinha – prazer de brincar e de ser feliz

Anelise Maria Muller Carvalho

Autora

Anelise Maria Muller Carvalho

Graduada em história, USP

Mestre em História pela PUC-SP e Professora no curso de Pedagogia das Faculdades Integradas Rio Branco.

Resumo

Neste texto, o objetivo é discutir que o brincar implica em escolher objetos (brinquedos) e comportamentos (brincadeiras) repletos de significados, mas que também interligam os mundos infantil e dos adultos. É importante ter presente que os brinquedos e brincadeiras são analisados como produtos culturais que se situam na cultura infantil. Para os estudiosos do tema brincar/brincadeiras e também para os educadores, muitas indagações se colocam: O que são os brinquedos, e as brincadeiras? Por que as crianças brincam? Como brincam? Qual o papel dos brinquedos nos processos educativos?

Palavras-chave

Brinquedo, Brincadeira, Experiência, Educaciona, Cultura Infantil.

“Nada pior do que uma casa de educação em que não se brinque” Marcelino Champagnat - (1789-1840)

Para nós educadores, refletir sobre brinquedos e brincadeiras remete a considerar dois caminhos de experiências. O primeiro, das experiências do brincar de nossa própria infância, e o segundo, da utilização do brincar nas práticas educativas dos ambientes escolares nos processos de ensino/aprendizagem.

Lembrar das experiências de brincar permite reencontrar lugares e momentos de nossa infância, pois, conforme nos inspira Walter Benjamin, podemos revisitá-los evocando sentimentos e memórias nostálgicas, mas também nos impulsiona a situar-nos em reflexões sobre o significado dos brinquedos e brincadeiras nas práticas pedagógicas para que sejam criativas e prazerosas. Em seus escritos sobre crianças e sua própria infância Walter Benjamin em diversos textos¹ recupera a cultura de sua vida familiar, e também “em certo sentido, a maneira de ver da criança, a sensibilidade e os valores dela...” (BOLLE, p.64) salientando a cultura infantil na qual se situam os brinquedos e brincadeiras.

Portanto, considerando estas observações acima, vale salientar que o brincar implica em fazer escolhas frente a uma diversidade de objetos (brinquedos) e de comportamentos (brincadeiras) que são repletos de significados, mas que também interligam os mundos infantil e dos adultos. Ou em outras palavras, interligam a cultura infantil à cultura dos adultos. Assim, centrando numa perspectiva antropológica, é importante ter presente que os brinquedos e brincadeiras sejam analisados como produtos culturais que se situam na cultura infantil. Para os estudiosos do tema brincar / brincadeiras e também para os educadores, muitas indagações se colocam: O que são os brinquedos e as brincadeiras? Por que as crianças brincam? Como brincam? Qual o papel dos brinquedos nos processos educativos?

1. Brinquedos/brincadeiras: considerações conceituais

Os brinquedos estão presentes na História e podem ser situados em diferentes tempos e lugares. Revelam uma cultura porque apresentam significações produzidas pelos que brincam, expressando situações da vida cotidiana, e assim permitem a compreensão funcional da cultura na qual se inserem. Eles são objetos de exploração e descoberta de sentimento afetivo, de reconhecimento das diferenças de gênero, de gosto e preferências.

Conforme nos informa Wajskop (1990), na Antiga Grécia, Platão já sugere que o estudar seja prazeroso, a partir da experiência do brincar. Destaca que no seu tempo ofereciam-se doces em formas de letras e números para as crianças em processo de aprendizagem.

Sendo os brinquedos e brincadeiras produtos culturais, são também suportes de representações, pois podem ganhar novos significados, dados pelas crianças, na medida em que desenvolvem suas brincadeiras. Da mesma forma que as obras de arte, os brinquedos contêm muita riqueza simbólica, e contribuem para estabelecer uma relação pensamento-ação. Não são os adultos que dão sentido aos brinquedos “sejam pedagogos, fabricantes ou literatos – mas as próprias crianças.” (BENJAMIN, p.65). Por exemplo, várias bonecas podem ser consideradas numa relação familiar de mãe e filhas ou irmãs e primas, ou ainda velhas bonecas podem se tornar tias ou avós das mais novas, durante os momentos de brincadeiras, pois na imaginação infantil não se coloca limites.

Nesse sentido vale novamente retomar Walter Benjamin (1984) quando se posiciona contra a fabricação de brinquedos infantis ao ressaltar que, a partir do século XVII de ofícios, são produzidos por artesãos a partir de orientações e controles das corporações, e depois no século XIX passam a ser produzidos em série, na forma de produção industrial, deixando de ser miniatura e dispensando cuidados maternos.

Além disso, brinquedos são objetos industriais e/ou artesanais, com papéis reconhecidos pelos consumidores, mas que mantêm sua função mesmo que não sejam utilizados para brincar (BROUGERE, 1997).

Já as brincadeiras podem ser vistas como manifestação de comportamento social, uma vez que expressam atividades de caráter humano, ligadas a determinados contextos sociais. A partir delas, as crianças podem recriar a realidade mediante a utilização de sistemas simbólicos próprios, ou seja, conseguem transformar uma coisa em outra. E implicam numa situação organizada, na qual para aqueles que brincam, existe a necessidade de tomar decisões (mesmo que seja numa estrutura imaginária), assumindo papéis, atribuindo significados diversos às ações e aos objetos das brincadeiras com as quais interagem.

Nas brincadeiras as crianças aprendem a fazer escolhas de papéis, de objetos, de temas e de representações. Se a criança está na escola, em sua casa gosta de brincar de professora, brincar de loja se a família for de comerciantes, ou brincar de enfermeira ou de médico se for a um hospital, e assim por diante. Além disso, elas também podem evitar de brincar do que não gostam, já que o brincar implica na idéia do prazer.(BROUGERE, 1997).

Elas têm um acervo inesgotável de significações para suas brincadeiras que são uma espécie de “faz de conta”, marcado pelos acontecimentos e relações sociais vivenciadas. (WAJSKOP, 1990) O seguinte texto expressa desejos, comportamentos e sentimentos infantis frente às possibilidades de brincar:

“A criança desde cedo intui o que é interpretar, transfor-

1- Os textos de Walter Benjamin sobre crianças e brinquedos, foram publicados na Alemanha em 1969, e no Brasil em 1984.

mar: o lençol, manto real que lhe cai às costas, a bola de papel granada que explode no território inimigo. E o território inimigo quase sempre é cruel, tentando corrigir sua imaginação “educar”- domesticar o seu instinto criativo, minimizar sua autoconfiança, potencialidade de coragem...”

A partir do séc. XVII, com a afirmação da concepção de infância, conforme salienta ARRIÉS (1989), cria-se também um ideal de criança que se busca atingir pelos caminhos educativos. A educação infantil passa a ser enfocada cientificamente, e objeto de discussões. São configurados métodos para ensinar inspirados em Comenius e Rousseau. E, posteriormente no séc. XIX, com as orientações de Montessori e Pestalozzi são produzidos brinquedos educativos, altamente estimuladores porque apelam para utilização dos sentidos através da manipulação dos sons, cores, formas e relevo, destinados, sobretudo às crianças portadoras de necessidades especiais, mas que também passaram a ser utilizados pelas crianças “ditas” normais.

Desde então, a infância ganha um lugar social bem diferenciado na História deixando a criança de ser considerada como um mini adulto, para ir sendo cada vez mais qualificada e reconhecida “seja como produtora de conhecimentos, seja como pessoa inteira, portadora de singularidades” (GALZERANI, p.66)

2. Por que brincar?

O ato de brincar e as brincadeiras são aspectos fundamentais na vida das crianças. Brincar é essencial para a saúde física, emocional e intelectual do ser humano.

O brincar contribui para reequilibrar, reciclar emoções e dar vazão à necessidade de conhecer e reinventar (LIMA, 1992). As crianças são naturalmente curiosas, ativas e querem vivenciar novas experiências. Desejam sempre experimentar situações novas. Ao brincarem, as crianças são estimuladas a desenvolverem pensamentos criativos, bem como crescerem em seu desenvolvimento social e emocional. Para elas, as brincadeiras são coisas sérias, nas quais não deve haver trapaça, ao contrário, ao vivenciá-las firmam posturas de sinceridade, engajamento voluntário e de cooperação/ doação. Elas não gostam de ser interrompidas nesses momentos (e como bem atestam as mães), mostram-se resistentes quando solicitadas para outras ocupações- como tomar banho, almoçar ou jantar, ou cuidar de outras obrigações.

Outro aspecto ainda a considerar, em relação ao brincar, é quanto à formação de hábitos. Conforme ressalta Benjamin (1984, p.75):

“a lei fundamental do brinquedo é a repetição. Sabemos que para a criança ela é a alma do jogo; que nada a alegra mais do que o “mais uma vez” (...) A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. Pois é o jogo, e nada mais que dá à luz todo hábito.

Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados no pequeno irrequieto através de brincadeiras, que são acompanhadas de ritmo de versinhos. Todo hábito entra na vida como brincadeira, e mesmo em suas formas mais enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final. Formas petrificadas e irreconhecíveis de nosso primeiro terror, eis os hábitos.

Portanto, ao brincar as crianças vão construindo seus hábitos cotidianos, mas constroem também uma consciência da realidade, ao mesmo tempo em que criam possibilidades de modificá-la (WAJSKOP, 1990). No desenvolvimento das brincadeiras iniciam sua integração social, aprendendo a viver e conviver. Situam-se frente à realidade em que vivem, e ainda estabelecem relacionamentos grupais de gênero, parentesco, amizade, etc.

Do ponto de vista psíquico, considera-se que é no brincar que o indivíduo – criança ou adulto – pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral. E é somente sendo criativo que o indivíduo desenvolve o eu (self). É no brincar que a comunicação e a interação social ganham mais possibilidades de se concretizar.

VIGOTSKY (1984) considera que é na brincadeira que a criança se comporta de diferentes formas, nem sempre correspondendo ao comportamento habitual de sua idade, ou de seu comportamento diário. Na utilização de brinquedos as crianças definem as estruturas básicas para as mudanças de suas necessidades, e também formam a consciência de si e de alteridade. Nas brincadeiras face a face reconhecem o(s) outro(s) compartilhando experiências na realidade em que vivem.

Por fim, vale lembrar que ao brincar as crianças efetivamente concretizam seu direito à infância e, consequentemente, seu direito ao não trabalho (WAJSKOP, 1990). Nesse espaço social do brincar pode ser construída uma identidade infantil na qual se situam posturas e comportamentos de autonomia, cooperação e criatividade.

3. Por que brincar na escola?

Na escola as crianças são pouco orientadas para utilizar o brincar, para desenvolver um pensar sobre brincar e brincadeiras. Nos ambientes escolares, muitas vezes, considera-se que ao brincar a criança não está fazendo nada, ou em outras palavras, não está tendo um rendimento produtivo (WAJSKOP, 1990). Basta lembrar que na sala de aula, elas devem estar contidas, obedientes e disciplinadas. Já no recreio elas podem se soltar e então gritam, riem, correm demonstrando satisfação e alegria.

Cabe indagar por que o aprender e o brincar quase não se relacionam nas práticas escolares, são vistos como coisas separadas no cotidiano escolar e, por vezes, são considerados até antagônicos. Para alguns educadores, há momentos e situações em que a brincadeira é colocada como uma recompensa para um esforço reconhecido de estudo e trabalho. E, em geral, só as crianças obedientes e disciplinadas é que são premiadas.

Contudo, é preciso que os educadores tenham presente que o brincar também resulta de uma aprendizagem. Aprende-se a brincar. As brincadeiras ocorrem num espaço físico, mas também num espaço sócio-cultural, no qual as crianças se situam descobrindo e conhecendo o mundo, fazendo sua leitura, conforme sugere Paulo Freire (1991), e aprendem a partilhar e compartilhar emoções, responsabilidades. Constroem e reconstróem conhecimentos, reconhecem os outros desenvolvendo e firmando a noção de alteridade. Brincando vivem intensamente o presente, não reconhecendo outros tempos de passado, ou de futuro e, por isso, são felizes. Para os educadores, leituras e reflexões sobre o brincar e brincadeiras das crianças nas vivências do cotidiano escolar deveriam ser objeto de preocupação mais pontual por parte dos profissionais de educação, seja dos professores ou da coordenação/ direção.

De qualquer forma para nós adultos, sejamos educadores ou não, pode calar fundo em nossa razão e sentimentos esta consideração de Benjamin (1984, p.102) “...quando um moderno poeta diz que para cada homem existe uma imagem em cuja contemplação o mundo inteiro desaparece, para quantas pessoas essa imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos?”

Referências Bibliográficas, eletrônicas e filmes

- ARRIÉS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro, Zahar. 1981.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo, Summus, 1984.
- BOLLE, Willi. Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo, Summus. 1984.
- BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. São Paulo, Cortez. 1997
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo, Cortez. 1992
- GALZERANI, Maria Carolina B. “Imagens entrecruzadas de Infância e de Produção de conhecimento em Walter Benjamin” In Por uma cultura da Infância. Campinas, Autores Associados, 2002.
- LIMA, Elvira C.de A. S. “A utilização do jogo na pré-escola” In Idéias, n.10. São Paulo, FDE. 1992
- VIGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo, Martins Fontes. 1984.
- WAJSKOP, Gisela. Brincar na pré-escola. São Paulo, Cortez. 1995. zx